

Os muitos Getúlios

Ditador repressor, pai dos pobres, criador do Brasil moderno?

MARCELO DE PAIVA ABREU

A intensa cobertura jornalística ensejada pelo meio século do suicídio de Vargas mostrou que o Getúlio que tende a prevalecer é o que as pessoas gostariam que ele tivesse sido e não efetivamente o que foi. Qualquer juízo sobre Getúlio como estadista não pode deixar de levar em conta suas manifestações antidemocráticas e em particular seu papel como patrocinador principal da repressão política a partir de novembro de 1935, em plena vigência da Constituição de 1934, e que continuou na ditadura do Estado Novo. No quartel da Polícia Especial, no alto do morro de Santo Antônio, no Rio de Janeiro, muito perto de onde está hoje a sede do BNDES, foram assassinados e torturados muitos inimigos do regime. Outras memoráveis tropeços do presidente - os discursos semifascistas em São Januário, o discurso simpático à Alemanha no encouraçado *Minas Gerais* três dias antes da queda de Paris em 1940, as grotescas atividades de seu Departamento de Imprensa e Propaganda - tampouco são de digestão fácil. Que ponderação devem ter estes fatos na avaliação de seu papel como o presidente que mudou a cara do País é algo que deve ser deixado ao juízo do leitor.

A muitos parece ser difícil aceitar que inúmeras decisões do chefe de Estado resultaram do estreitamento das opções que se abriam ao governo. A grande depressão deflagrou um processo de fortalecimento da ação do Estado em quase todo o mundo. No Brasil praticamente todas as esferas de produção foram objeto de interferência normativa: café, açúcar e álcool, pinho, mate, sal. O apetite era intenso. O governo passou a racionar o acesso a divisas, mantendo uma taxa oficial sobrevalorizada. A dívida externa dos Estados e municípios acabou sendo absorvida pela União. No plano social, nova legislação, com forte influência mussoliniana, ampliou significativamente os direitos dos trabalhadores. O encabrestamento oficial dos sindicatos teria conseqüências funestas sobre a autonomia futura do movimento sindical. Consolidou-se a imagem de Getúlio pai dos pobres, dos "trabalhadores do Brasil".

Quando Getúlio se decidiu pela intervenção direta do Estado na produção de bens foi porque não houve interesse privado ou no bojo de decisões tomadas fora do País. Em Volta Redonda houve desinteresse da US Steel. No minério de ferro houve a iniciativa britânica de viabilizar a Vale como proprietária das minas da Itabira Iron. Já nos anos 50 o projeto do presidente para a Petrobrás era bem menos radical do que o aprovado na Lei 2.004 com patrocínio da oposição. O BNDE foi fundado, por irônico que soe, no quadro dos trabalhos da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos.

Getúlio era matreiro, mas pior negociador do imaginam os que o vêem extraindo Volta Redonda dos EUA, com base na ameaça de que a Alemanha poderia estar interessada no projeto brasileiro. Vinham ganhando força nos EUA os grupos que defendiam a aproximação ao Brasil cuja importância estratégica justificaria o juízo de que era "uma ditadura mais aceitável do que outras". Cabem dúvidas quanto à disposição de Berlim de suprir uma usina ao Brasil em meio ao esforço de guerra e, mais ainda, quanto à capacidade de ser rompido o bloqueio naval britânico.

O papel modernizador de Getúlio é claro na melhoria da qualidade dos quadros do funcionalismo público. Muito esforço foi dedicado ao aprimoramento do funcionalismo civil com a criação de carreiras, definição de níveis de remuneração adequados e de critérios objetivos de admissão através de concursos. Esse esforço modernizador atingiu também as Forças Armadas com a criação de instituições que refletiam o reconhecimento da importância da tecnologia na guerra moderna. Nos anos 50, algumas reformas importantes, como a do setor elétrico, acabaram frutificando ainda que com grande defasagem.

A despeito do que se possa pensar, Getúlio era bastante ortodoxo no terreno fiscal. Havia sido um ministro da Fazenda apagado em 1926-28, quando o Brasil aderiu pela segunda vez ao padrão-ouro. Nos anos 30 e até a entrada na guerra foi mantida razoável austeridade fiscal. Nos anos 50, a despeito da insanidade da sua escolha para a Fazenda e para o Banco do Brasil de dois nomes com idéias diametralmente opostas em relação à política econômica, pretendia no período inicial ser "Campos Salles" para só depois ser "Rodrigues Alves". Fracassou quanto à estabilização e, em menor medida, quanto ao ritmo de crescimento.

Também nas relações externas Getúlio foi contraditório. Apesar das simpatias totalitárias, manteve a janela aberta para Washington através de Oswaldo Aranha. O malandro discurso radiofônico à nação no início do Estado Novo incluiu, como pérola do nacionalismo demagógico, o default da dívida externa justificado pela necessidade de aumentar gastos militares. Mas, em 1939, começou a remendar as relações com os EUA e abrir caminho para a cooperação posterior. Nos anos 50, o inflamado discurso de denúncia dos reinvestimentos de capital estrangeiro não teve conseqüências práticas no seu governo. Mas as relações com os EUA se deterioraram com a campanha do petróleo, a explosão dos preços do café e a vitória dos republicanos em 1952.

Uma figura ambígua, provinciana, enigmática, encantada pelo poder. Ditador repressor, pai dos pobres, criador do Brasil moderno. Seria prova de maturidade se, com a perspectiva de meio século, pudesse ser aceito que escolher apenas uma das facetas de Getúlio Vargas conduz a uma avaliação com certeza equivocada do seu papel na construção do País.

Marcelo de Paiva Abreu é doutor em economia pela Universidade de Cambridge e professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio, em licença sabática.